

Marcas da oralidade nas crônicas de Rubem Braga: uma introdução

Marks of orality in the chronicles of Rubem Braga: an introduction

Maurício Silva¹

Cláudia Marques²



Resumo

Este trabalho procura analisar as crônicas de Rubem Braga, a partir de uma perspectiva sociolinguística. Considerando o emprego de registros lingüísticos diversos em suas crônicas, buscamos observar a ocorrência da oralidade no discurso literário.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Crônica. Rubem Braga. Oralidade

Abstract

This study seeks to analyze the chronicles of Rubem Braga, from a perspective sociolinguistics. Considering the record of employment in its chronicles different language, we observe the occurrence of orality in literary discourse.

Keywords: Brazilian literature. Chronicle. Rubem Braga. Orality

Introdução

Embora a crônica tenha sido, tradicionalmente, considerada gênero menor dentro da literatura nacional ou estrangeira, Rubem Braga dedicou-se exclusivamente a ela, procurando, por meio de textos ao mesmo tempo prosaicos e poéticos, retratar assuntos corriqueiros de sua época e das cidades que conheceu mais de perto. Traduzindo em célebres passagens literárias a complexa sociedade brasileira, com seus conflitos, suas distorções, seus problemas e soluções, enfim, suas idiossincrasias, Rubem Braga conseguiu – no conjunto de sua obra – fixar o retrato de uma época e de uma sociedade, empregando uma escrita pautada na linguagem coloquial e elevando a crônica à condição de gênero maior de nossa literatura nacional.

Tendo passado, ao longo dos anos, por várias transformações, a crônica tem como principal intento registrar, no calor da hora, os acontecimentos cotidianos

por que passa a sociedade, fixando suas mudanças, bem como suas tradições, seus hábitos e costumes. Nesse sentido, a crônica nasce, primeiro, com o objetivo de informar o leitor de maneira rápida, simples e direta, tornando-se, num momento imediatamente posterior, um gênero discursivo em que ficção e realidade mesclam-se de forma indistinguível, resultando num texto facilmente transitável nos meandros da produção literária.

O objetivo deste artigo é fazer algumas considerações acerca do processo de construção da crônica durante a segunda metade do século XX, na Literatura Brasileira, tomando como referência a produção de Rubem Braga e adotando como fundamentação metodológica alguns pressupostos teóricos retirados da Sociolinguística, os quais servirão, basicamente, de instrumental para a análise da linguagem empregada pelo autor em seus textos. Nesse

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela USP; coordenador e professor de pós-graduação na Universidade Nove de Julho.

² Especialista em Língua Portuguesa pela PUC-SP.

sentido, privilegiaremos a observação do emprego da oralidade, presente em crônicas que compõem as principais obras de Rubem Braga, tais como *O conde e o passarinho*, *Um pé de milho*, *O homem rouco*, *Ai de ti*, *Copacabana!*, *A borboleta amarela e Traição das elegantes*, obras em que a presença de um registro lingüístico mais popular torna-se marca indelével de sua criatividade literária.

Oralidade nas crônicas de Rubem Braga

Considerado um gênero limítrofe entre a literatura e o texto jornalístico, a crônica – enquanto gênero discursivo – possui algumas características que lhe são peculiares, como o fato de procurar ser um registro circunstancial de fatos efêmeros e transitórios, espécie de painel fragmentado de determinada época, primando pela liberdade narrativa, o que, aliás, lhe confere uma aparência de superficialidade. Do ponto de vista estritamente lingüístico, a crônica opta por uma linguagem concisa e objetiva, além do estilo coloquial, marcado, sobretudo, pelo emprego da oralidade. É, contudo, nessa mistura do real (factual) e do imaginário (fictício), que reside seu estatuto de literariedade, por meio do qual a crônica revela particular apego à mistura entre os registros descritivo e narrativo, à busca do pitoresco social e à ficcionalização de fatos e de pessoas.

O cronista resgata, nestes termos, a decantada proximidade entre o autor e o leitor (já que, a rigor, dispensa a intermediação do narrador), afirmando-se como uma espécie de ‘tradutor’ do cotidiano e, não raras vezes, um representante de determinado grupo social, espécie de porta-voz de alguns estratos da sociedade, cuja principal “função” seria desentranhar do real, por meio do filtro da sensibilidade artística, efeitos pouco permeáveis ao “homem comum”, o que confere ao cronista a condição atípica de um “poeta do cotidiano”.

A crônica seria, então, uma espécie de olhar diferenciado da realidade, por intermédio do qual descobre-se o inusitado, o paralelo e o obscuro. Como afirma Jorge de Sá, em estudo já consagrado,

para ver além da banalidade, o cronista vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que a aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida. Não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados. É preciso ir mais longe, romper as conceituações, buscar exatamente aquilo que caracteriza a poesia: a imagem.³

Trata-se, em outras palavras, dessa “captação do imaginário coletivo” de que nos fala Angélica Soares ou daquela “quebra do monumental e da ênfase” de que nos diz Antônio Cândido, ambos revelando o que de mais sutil pode conter esse gênero.⁴

No Brasil, a crônica começa a se afirmar como gênero literário no século XIX, com nomes como os de José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, João do Rio, Olavo Bilac e muitos outros. Já no século XX, a crônica dialoga, mais de perto, com o jornalismo, tendo como um de seus objetivos atrair o leitor ao consumo, aprofundando a ambigüidade que já lhe era naturalmente própria.⁵ Além disso, acentuava-se também sua efemeridade, tornando-se um gênero particularmente marcado pela rapidez.⁶

Considerado uma espécie de padroeiro da crônica moderna no Brasil, tendo-se especializado em publicar obras deste gênero, Rubem Braga considerava que o livro de crônicas tem como objetivo aproximar o autor e leitor, mesmo que momentaneamente, já que se trata de um gênero que procura resgatar o cotidiano do leitor, empregando, entre outros recursos, a linguagem coloquial. Rubem Braga foi também um dos poucos cronistas brasileiros a retratar a realidade do país a partir de temas aparentemente fúteis e pouco profundos, mas por trás dos quais pulsava uma complexa rede de idéias, percorrendo um caminho que vai do individual ao social.

Procurando analisar as variações lingüísticas presentes no complexo universo dos discursos, a Sociolingüística busca, entre outras coisas, destacar os traços da oralidade no registro lingüístico dos falantes, mostrando, assim, marcas de gênero, número e pessoa;

³ Sá, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo, Ática, 1987, p. 48.

⁴ Consultar, respectivamente, SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo, Ática, 1989; e CÂNDIDO, Antônio. “A Vida ao Rés-do-Chão”. In: CÂNDIDO, Antônio et alii. *A Crônica. O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

⁵ Cf. DIMAS, Antonio. “Ambigüidade da Crônica: literatura ou jornalismo?”. *Littera*, Ano IV, No. 12: 46-51, Set./Dez. 1974.

⁶ IVO, Lêdo. “Os Dias que Passam”. *A Ética da Aventura*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982, p. 67-75.

redução das pessoas gramaticais na conjugação dos verbos; simplificação dos tempos verbais; carência de correlação verbal entre os tempos; redução do processo subordinativo, em benefício da coordenação; predomínio das regências diretas nos verbos; simplificação gramatical da frase, com o emprego de “bordões”, gírias e termos afins; emprego dos pronomes pessoais retos na função de objeto direto etc.⁷ Estes são, por exemplo, alguns dos recursos estilísticos que Rubem Braga procura empregar em suas crônicas, tornando-as um texto mais prosaico e, ao mesmo tempo, mais próximo do universo lingüístico de seus leitores. Isso se deve ao fato, como ainda nos ensina a Sociolingüística, de que a língua se manifesta de modo homogêneo numa *comunidade de fala*, formada por falantes que, entre outras coisas, compartilham tanto traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros quanto normas e atitudes comuns diante do uso da linguagem.⁸

Empregando, portanto, o registro oral e informal, Rubem Braga procura representar, por meio de suas crônicas, a simplicidade do cotidiano tal como o leitor, talvez intuitivamente, a captasse, lançando mão dos coloquialismos e das variações lingüísticas, utilizando-se do idioma com uma liberdade e versatilidade que lhe eram próprias.⁹

Desse modo, na maior parte de suas obras, encontram-se crônicas em que a mais saliente marca estilística é justamente o emprego do registro popular, caracterizado, por exemplo, pelo emprego sistemático de gírias e de uma espécie de dialeto subpadrão. O uso de fatos e notícias do dia-a-dia em suas crônicas propicia, aliás, esse uso da linguagem, na mais

completa tradução dos princípios estéticos defendidos pela geração modernista. Há, além disso, o emprego de regionalismos próprios de uma realidade diatópica específica: “parei no instante em que ela começava a navegar pelo oitão da Biblioteca Nacional. *Oitão, torreão*”.¹⁰ Fatos como esse são completados, como assinalamos, pelo emprego das expressões informais, de cunho popular: *marcamos no relógio quanto nos deu na cabeça*.¹¹ Ou por uma linguagem francamente coloquial: *Deus sabe o que andei falando por aí; e página de jornal não é lugar para a gente falar essas coisas*.¹² Finalmente, pode-se perceber no discurso literário de Rubem Braga marcas evidentes do emprego do subpadrão popular, que aparece impresso, por exemplo, em: *Me lembrei de uma história de Lúcio Cardoso que trabalhava na agência Nacional*.¹³

Considerações finais

Rubem Braga foi um cronista que procurou, na simplicidade do cotidiano, os assuntos para a elaboração de suas crônicas. Fugindo dos padrões da literatura clássica, utilizou-se dos espaços comuns das cidades urbanas, dos hábitos e comportamento populares, a fim de construir um universo literário que buscava, deliberadamente, o equilíbrio entre o poético e o prosaico, empregando, como já afirmou David Arrigucci, um *estilo humilde, o qual descobre o fulgor instantâneo do símbolo no chão do cotidiano*.¹⁴

Assim, se o tempo é, como querem alguns críticos, a matéria-prima da crônica,¹⁵ Rubem Braga logrou dar às suas crônicas o valor atemporal das grandes obras de literatura.

⁵ Cf. PRETI, Dino. Sociolingüística. Os Níveis da Fala. São Paulo, Edusp, 1997.

⁶ BELINE, Ronald. “A variação lingüística”. In: FIORIN, J. Luiz (org.). Introdução à Lingüística. São Paulo, Contexto, 2002, p. 121-140.

⁷ Para a questão do estilo e da linguagem em Rubem Braga, consultar ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Enigma e Comentário. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

⁸ BRAGA, Rubem. A Borboleta Amarela. Rio de Janeiro, Record, 1987, p. 168 (grifos nossos).

⁹ BRAGA, Rubem. O Conde e o Passarinho. Rio de Janeiro, Record, 1985, p. 76 (grifos nossos).

¹⁰ BRAGA, Rubem. O Homem Rouco. Rio de Janeiro, Record, 1988, respectivamente p. 97 e 98 (grifos nossos)

¹¹ BRAGA, Rubem. A Borboleta Amarela. Rio de Janeiro, Record, 1987, p. 168 (grifos nossos).

¹² ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Achados e Perdidos. Ensaios de Crítica. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

¹³ Cf. NEVES, Margarida de Souza. “História da Crônica. Crônica da História”. In: RESENDE, Beatriz (org.). Cronistas do Rio. Rio de Janeiro, José Olympio/CCBB, 1995, p. 15-31.

Referências

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Achados e perdidos: ensaios de crítica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BELINE, Ronald. A variação lingüística. In: FIORIN, J. Luiz (Org.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140.
- BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- BRAGA, Rubem. *O homem rouco*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO, Antônio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? *Littera*, ano 4, n. 12, p. 46-51, set./dez. 1974.
- IVO, Lêdo. Os dias que passam. In: _____. *A ética da aventura*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. p. 67-75.
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica: crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995. p. 15-31.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 1997.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.
- SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo, Ática, 1989.